

# **DIFERENÇA DE IDADE ENTRE HOMENS E MULHERES AOS SEREM PAIS E MÃES EM MUNICÍPIOS BRASILEIROS**

## **INTRODUÇÃO**

Alguns estudos demonstram que a idade média com que os homens são pais em algumas partes do Brasil é superior a idade média com que as mulheres são mães, principalmente entre as mulheres mais jovens (FALCÃO, 2015; BADIANI; CAMARANO, 1998).

No Brasil, um dos registros administrativos que nos permite saber a idade de mães e pais é o Sistema de Informação de Nascidos Vivos (SINASC) que, além de questionar a idade da mãe também apresenta outras informações sobre as características socioeconômicas dessas mulheres.

O objetivo deste artigo é compreender como se comporta a diferença de idade entre homens e mulheres ao serem pais, em municípios brasileiros em 2015, considerando três características das mães: escolaridade, raça/cor e estado civil.

## **REVISÃO DA LITERATURA**

Ao analisar as percepções, conhecimentos e atitudes dos homens brasileiros quando se trata da saúde reprodutiva com os dados da Pesquisa Nacional de Demografia e Saúde (PNDS), Badiani e Camarano (1998) observam que as mulheres começam a ter filhos mais cedo que os homens, ainda que isso não signifique que elas tenham mais filhos que eles. Por outro lado, a idade mediana com que os homens têm sua primeira relação sexual foi de 16,7 anos aproximadamente 2,8 anos mais cedo que as mulheres (BADIANI; CAMARANO, 1998).

Esta relação, aparentemente, ainda pode ser observada na década de 2010. Segundo Falcão (2015) em treze municípios do Estado de São Paulo, as mulheres tinham filhos com homens, em média 3,0 anos mais velhos – variando entre 2,6 e 3,3 anos mais velhos – e, com exceção de um município, a cúspide da taxa específica de fecundidade dos homens era mais tardia que das mulheres (FALCÃO, 2015).

Nota-se que os trabalhos de Aquino et al. (2003), Berquó, Barbosa e Pereira (2008) e Ribeiro, Silva e Saldanha (2011) apontam que os homens mais jovens usam mais camisinha que as mulheres, principalmente quando se trata de parceiras sexuais

eventuais. Considerando que as mulheres mais jovens costumam se relacionar sexualmente com homens mais velhos, o uso do preservativo ajuda a compreender essa diferença entre paternidade e maternidade na adolescência.

Segundo Ribeiro, Silva e Saldanha (2011) ainda que importantes conquistas tenham atenuado as desigualdades entre os gêneros, essas ainda não foram fortes o suficiente para acabar com a

assimetria na capacidade de tomar decisões e efetivá-las e pelos poucos espaços onde possa manifestar queixas e resolver pendências. As mulheres deparam-se com barreiras no processo de negociação do uso do preservativo com os parceiros, que acabam detendo o poder de decisão a esse respeito, comprometendo a possibilidade de se adotar medidas preventivas, tanto em relação a doenças de transmissão sexual, quanto à gravidez [...] a dominância das relações sexuais é atribuída a uma característica masculina, reforçada pela postura passiva por parte das mulheres, favorecida pela idealização do amor romântico. Nesse contexto, pode ocorrer o fenômeno da desconfiança intrínseca, no qual as mulheres mais jovens temem ser consideradas experientes demais, enquanto as mais velhas se reportam ao medo de desagradar ao parceiro, pois o uso do preservativo pode ser encarado como uma prova de desconfiança (RIBEIRO; SILVA; SALDANHA, 2011, p. 85).

A escolaridade, principalmente, apresenta forte influência em relação ao uso de preservativos, ou seja, quanto maior a escolaridade da mulher, maiores são as chances dela usar preservativos nas relações sexuais, evitando uma possível gravidez (BERQUÓ; BARBOSA; PEREIRA, 2008).

Resumindo, os estudos mostram que no Brasil há um padrão de mulheres tendo filhos com homens mais velhos, principalmente nas faixas etárias mais jovens. Para Abeche (2002) esse padrão também pode ter relação com as ideais de amor romântico e regras culturais de gênero e que, entre essas adolescentes ter um filho é uma necessidade emocional, considerando que em muitos casos o filho foi desejado. Bauman (2004, p. 60) observa que os filhos “não são desejados pelas alegrias do prazer paternal e maternal que se espera que proporcionem” e sim por uma forma de objeto para atender a consumo emocional.

Giddens (1993) defende que vivemos num momento da história em que se abriu um abismo sexual entre homens e mulheres marcado justamente pelo enfraquecimento do amor romântico. Para o autor

o *ethos* do amor romântico teve um impacto duplo sobre a situação das mulheres. Por um lado, ajudou a colocar as mulheres “em seu lugar” – o lar. Por outro, entretanto, o amor romântico pode ser encarado como um compromisso ativo e radical com o “machismo” da sociedade moderna (GIDDENS, 1993, p. 10)

## **MÉTODO**

Para calcular a idade de homens e mulheres ao serem pais no Brasil foram utilizados os dados do Sistema de Informação de Nascidos Vivos (SINASC), que registra os nascidos vivos em todo território nacional, por meio da Declaração de Nascido Vivo (DNV).

Para esta pesquisa foram consideradas as seguintes variáveis: idade do pai e da mãe do recém-nascido, anos de escolaridade, raça/cor e estado civil da mãe do recém-nascido. Idade é a única informação sobre o pai do recém-nascido, o que limita uma série de análises que poderiam ser feitas neste estudo. Esta, inclusive, só passou a fazer parte do questionário da DNV a partir de 2010.

Ainda sobre a idade do pai, esta variável apresenta uma alta quantidade de *missing* em grande parte dos municípios brasileiros. Para esta pesquisa foram considerados apenas os municípios que tiveram mais de 800 nascimentos no ano de 2015 e registros com idade do pai não declarada inferior a 10,0%. Considerando estes critérios, apenas 106 municípios de 9 estados brasileiros puderam ser selecionados.

Optou-se por fazer uma Regressão Linear Múltipla a fim de se verificar se as variáveis Idade, Escolaridade e Estado civil da mãe, Idade do Pai, Raça/Cor e o Estado são fatores associados a Diferença de Idade entre os pais. Ou seja, a variável resposta é a diferença (subtração) entre a Idade do Pai e da Mãe e as características dos pais e do indivíduo listadas são as possíveis variáveis explicativas do modelo. Ao todo foram testados 7 modelos sendo escolhido o que testou as variáveis estado civil da mãe, anos de escolaridade e raça/cor.

## **RESULTADOS PRELIMINARES**

Os resultados da estatística descritiva apontam que nos primeiros grupos quinqüenais (15 a 19 e 20 a 24 anos) são maiores as diferenças entre as idades das mulheres e dos homens – sendo os homens, em média, 5 anos mais velhos – entretanto essa diferença cai nos grupos seguintes até que inverte nos dois grupos quinqüenais finais (40 a 44 e 45 a 49 anos) em quase todos os municípios, sendo as mulheres mais velhas que os homens. As análises preliminares do modelo apontam que mantidas as demais variáveis constantes, o modelo final encontrado indica que, a cada acréscimo de um filho, diminui-se 0,28 anos na diferença de idade entre os pais. Além disso, por exemplo, mantida a escolaridade constante, uma pessoa da raça/cor preta aumenta 0,44 anos na diferença de idade dos pais, se comparado a uma pessoa branca. Já alguém amarelo, diminui em 0,66 anos. No contexto geral, considerada a unidade de medidas em anos, talvez seja possível afirmarmos que os efeitos são considerados baixos segundo cada característica contida no modelo.

## REFERÊNCIAS

ABECHE, A. M. **A gestante adolescente e seu parceiro: características do relacionamento do casal e aceitação da gravidez.** Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Medicina, UFRGS, 2002.

AQUINO, E. M. L.; ET AL. **Adolescência e reprodução no Brasil: a heterogeneidade dos perfis sociais.** Caderno de Saúde Pública, v. 19, n. 2, p. 377-388, 2003.

BADIANI, R.; CAMARANO, A. A. **Homens brasileiros: percepções, conhecimentos e atitudes em saúde reprodutiva.** Anais do XI Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 1998.

BAUMAN, Z. Z. **Amor líquido – sobre a fragilidade dos laços humanos.** Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BERQUÓ, E.; BARBOSA, R. M.; PEREIRA, L. **Uso do preservativo: tendências entre 1998 e 2005 na população brasileira.** Revista de Saúde Pública, vol. 48, n. 1, p. 34-44, 2008.

FALCÃO, K. **Fecundidade masculina em municípios do Estado de São Paulo em 2013.** Anais do VII Congresso da Associação Latino-Americana de População e XX Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 2016.

GIDDENS, A. **A transformação da intimidade – sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas.** Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

RIBEIRO, C. S. R.; SILVA, J.; SALDANHA, A. A. W. **Querer é poder? A ausência do uso de preservativo nas mulheres jovens.** Jornal Brasileiro de Doenças Sexualmente Transmissíveis, vol. 23, n. 2, p. 84-89, 2011.

SINASC. **Microdados do Sistema de Informação sobre Nascidos Vivos.** 2015.